

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

Toda a correspondência deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas, director, proprietario e administrador de A Restauração.

Redacção e Administração

R. de Payo Galvão—Guimarães

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anuncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os sts. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Composição e Impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

“Ad maiora!,”

Assim termina o snr. X o artigo com que tentou responder ao que aqui escrevemos em nosso último número. Seguir-lhe-hemos o conselho: tendo as reflexões do nosso illustre collega deixado de pé a nossa argumentação, seria na verdade descer *ad minora* o preferi-las a assumptos de mais alta ponderação.

Uma só daquellas reflexões tomaríamos por degrau para subir *ad maiora*.

Pretendêramos nós mostrar que o nosso collega X, combatendo o nacionalismo, estava em desacôrdo com o snr. Padre António Hermano, que ardentemente suspirava por elle, quando esse partido ainda estava em fermentação. Diz-nos porém o snr. X que não ha tal desacôrdo; que ao actual partido nacionalista não corresponde ao ideal sonhado por aquelle nosso amigo.

Podíamos-lhe reparar que nem assim o desacôrdo cessa; porque tendo o snr. Padre Hermano padecido da que elle agora chama «funesta mania» de combater os partidos rotativos, tem o desgosto de ver o snr. X enfileirado num delles, a defendê-lo quanto pode e a não ficar contente de que outros o combatam. Mas nem sequer com isto gastaremos os poucos momentos que nos ficam entre a recepção de *O Regenerador* e a hora em que devemos entregar este artigo na typographia. Vamos *ad maiora*.

O snr. X diz-nos que «o actual partido nacionalista não corresponde ao ideal sonhado» pelo snr. Padre Hermano. Nós, que estávamos convencidos do contrario pelos numerosos escriptos do snr. Padre Hermano sobre o assumpto, antes queríamos que o nosso illustre collega demonstrasse a sua asserção. O velho hábito que temos de não formar as nossas opiniões leviãmente, não nos permite que as mudemos por affirmações gratuitas. Continuamos pois intimamente convencidos de que o partido nacionalista é superior aos chamados partidos rotativos.

Mas não creia o snr. X que o fazemos ou dizemos por simplez teimosia ou dominados dalgum preconceito. Se erramos, erramos de boa fé: o nosso vivo desejo é acertar. E tanto isto é verdade, que vamos propor ao snr. X e ao seu director snr. Padre Roriz um meio facil e honroso para todos de se acabar duma vez para sempre com as nossas divergências politicas.

A questão, se nos não enganamos, reduz-se fundamentalmente a isto: Nós estamos convencidos de que o partido nacionalista é preferivel ao partido regenerador, e orientamos as nossas apreciações segundo este critério; os nossos revs. collegas estão convencidos de que o partido regenerador é preferivel ao nacionalista, e orientam o seu procedimento segundo esta convicção.

E' evidente que ou erramos nós, ou erram os revs. redactores de *O Regenerador*. Pois bem: se somos nós quem está em erro, ninguém poderá accusar-nos de que nelle perseveramos de má fé; queremos luz, e não nos bastam as picuinhas (argumento, até hoje, nenhum) de *O Regenerador* para no-la dar. E não queremos suppor que os nossos revs. collegas, se o erro estiver da sua parte, tenham a perversa vontade de nelle perseverar.

Convidamos pois os revs. padres que redigem *O Regenerador* para uma discussão dos pontos principaes dos nossos respectivos programmas politicos. Encheremos assim as nossas columnas com matéria mais fecunda, do que estas interminaveis querellas, que não attingem a raiz do mal.

Se nos demonstrarem que os principios do partido regenerador sam superiores aos do partido nacionalista, nós compromettemo-nos a deixar o nacionalismo e a nunca mais dizer nem escrever uma só palavra que mostre que o preferimos ao partido regenerador. E, por cada vez que assim o não cumprirmos, achamos justo que nos chamem *hypócritas miseraveis, charlatães desqualificados, impostores infames, homens sem caracter, adorados do estômago*.

Mas se os nossos revs. collegas fugirem à discussão ou não conseguirem mostrar a inferioridade dos principios nacionalistas—que nós e toda a imprensa catholica temos procurado demonstrar superiores—; e, apesar disso, não adoptarem os procedimentos a que acima nos compromettemos, reservamo-nos o direito de lhes applicar a sentença que deixamos suspensa sobre a nosa própria cabeça.

Querem mais lealdade?

A politica sem religião

(Aos revs. redactores de *O Regenerador*)

A politica tem a pretensão de curar a sociedade enfêrma, dispensando a Igreja. Tem improvisado constituições às dezenas, leis aos milhares, impostos aos milhões, monopólios sem número, que, a crermos no que ella affirma, deviam restabelecer a sociedade em seu estado normal e assegurar-lhe a longevidade da ordem, da riqueza, da força, da liberdade e de toda a espécie de prosperidades.

Mas ah! como poderá a politica irreligiosa, inspirando-se só em si mesma e em seu egoismo estreito, curar os males da sociedade, da qual não conhece as doenças nem as necessidades? E' preciso recorrer a Deus para conhecer o homem e tudo o que interessa ao homem. Por isso, vede como essa politica sem Deus é tambem sem franqueza, e só vive de expedientes. Tudo sam ostentações, tudo promessas, tudo esperanças dum futuro que se vai differindo sempre.

A despeito de tam lamentaveis experiências, a politica irreligiosa não vem offerecer às sociedades modernas, como único meio de cura e como único remédio para as nossas decadências e para as nossas ruínas moraes, senão caminhos de ferro, barcos de vapor, manufacturas, bancos e companhias de especuladores, salas de espectáculos e coisas ainda peores. Mas tambem, em compensação, tem sempre promptos, como auxiliares indispensaveis, o esbirro e o cattrasco, a prisão e a calceta, a espingarda e a guilhotina.

Não nos cabe pronunciar-nos quanto ao valor destes meios curativos. Deixaremos este cuidado às estatísticas officiaes. Ora, segundo informações authenticas, encontraremos um número sempre crescente de roubos, de fraudes, de envenenamentos, de assassinatos, de infanticídios, de suicídios, de duellos, de

incestos, de sacrilégios. Ficará averiguado que a constituição moral do homem degenera cada vez mais, ao mesmo tempo que a constituição physica se enfraquece. Todos os vinculos se relaxam; todas as instituições se decompõem. A felicidade material, a que tudo é sacrificado, falta, como o resto.

Já não é este ou aquelle govêrno que estremece e vacilla em sua base; é a própria ordem social. E a politica cega, porque é irreligiosa, não sabe ver que, minando a fé, é que o génio do mal quer fazer desabar com um só esforço o edificio intellectual e a ordem civil e a ordem pública e a ordem social inteira.

Temendo vêr claro, para se não ver obrigada a arrepender-se, essa mesquinha politica antes quer abandonar os povos à sua corrupção, como enfermos incuraveis; contenta-se com lhes dar por guarda os seus agentes de policia, mais para impedir que o mal se manifeste demasiadamente no exterior, do que para pensar sequer em lhe restringir os funestos estragos.

P. Ventura.

Minúcias

IX

Cão fiel

Colhemos do ultimo número de *La Croix Illustrée* a seguinte curiosa e commovente narração.

O snr. L..., negociante de vinho no Plateau, em Suresnes, tinha um bello cão de agua preto, do qual era muito amigo e que o não deixava nunca.

Em dezembro passado o negociante caiu de cama. O seu estado aggravou-se rapidamente, até que a morte chegou no dia 3 de janeiro.

Até aos últimos momentos do dono, o bom cão estivera sempre no quarto do doente, lambendo-lhe a mão todas as vezes que a podia attingir. Mas, morto o dono, tiveram de prender Tom com a cadeia, porque elle não queria consentir que ninguém se approximasse do leito.

Nos dias que se seguiram ao fallecimento, o pobre animal não cessou de gemer, procurando continuamente fugir, a ponto que lhe não davam liberdade senão de noite, quando todas as portas estavam bem fechadas.

Tom não queria comer: com receio de que elle adoecesse, contentaram-se com não o deixar fugir, mas sem o prender com a cadeia.

No domingo, 7 de fevereiro, a viúva do negociante foi ao cemitério de Suresnes levar flores ao túmulo de seu marido.

Tinham-se passado já trinta e quatro dias depois da morte do dono, mas o fiel cão ainda o não tinha esquecido.

Como alguém abrisse a porta do pátio, atrás da qual elle esperava com constância, Tom escapuliu-se dum salto; foi apanhar no caminho a sua dona, sem que esta desse fé; soube dissimular-se rapidamente no meio dos visitantes e escapar à vigilância do guarda do cemitério, como se conhecesse a determinação que prohibe aos seus congêneres a entrada daquelle recinto; e, quando a viúva, ajoelhada na pedra sepulcral, se levantou, deu com os olhos no fiel Tom, que estava assentado a seu lado, muito triste.

Receando ver-se accusada de contravenção ao regulamento do cemitério, a viúva tomou o cão pela coleira e arrastou-o apesar dos seus gemidos e da sua resistência.

O pobre animal comprehendera que seu dono repousava ali, e não queria deixá-lo.

Durante o caminho, Tom, tornado desobediente, conseguiu fugir: transpôs, como uma setta, a porta do cemitério, e escondeu-se tam bem, que durante a tarde ninguém o descobriu.

No dia seguinte o guarda do cemitério avistou-o de longe assentado sobre o túmulo de seu dono. Mas, quando se aproximou, o pobre animal, entendendo que o queriam retirar dali, escondeu-se por entre os monumentos de tal modo que ninguém o pôde achar. O guarda collocou alguns alimentos ao alcance do cão, mas este não lhes tocou.

A viúva, affeiçãoada mais que nunca ao fiel e intelligente animal, e desconfiando que elle tivesse voltado para o cemitério, foi procurá-lo.

Tom agitou a cauda, mas não a deixou approximar-se; e durante muitos dias conseguiu vencer todas as trações, bem como a todas as tentações, para não deixar o seu dono.

F.

O que são os Trappistas?

Viajando um Sacerdote da Ordem da Trappa com mais 35 collegas para a Colonia do Natal, pediram-lhe alguns viajantes que no convez do navio fizesse um discurso em que explicasse as Regras da sua Ordem. «Accedeu com gosto o Religioso e eis aqui alguns trechos. Fallava no dia dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo.

«Se os Apostolos que hoje festejamos se tornaram prodigiosos pelo milagre da lingua, fallando varios idiomas sem previa instrução, os trappistas são um novo milagre pelo seu silencio, silencio rigoroso, perpetuo a que voluntariamente se sujeitam em satisfação dos peccados da lingua dos outros homens. Excepto tres, a quem por motivos de licença temporaria, todos os outros, como teres observado, guardam o mais inviolavel silencio ainda no bulicio das viagens, e assim vêm já desde a Bosnia, onde nos reunimos, até aqui. Guardam este silencio apesar de quaesquer palavras picantes com que alguém os possa offender.

Mas como me foi possível produzir semelhante milagre? Illudi acaso estes meus companheiros com grandiosas promessas para me seguirem até ao extremo sul da Africa? . . . Não.

1.º Prometti-lhes, sim, alimento bom e sufficiente, mas nunca tomam nem carne, nem peixe, nem ovos, nem manteiga, nem café, nem chá, nem especiarías ou doces. 2.º Para beber, nada, senão agua; mas esta em abundancia. 3.º Offereço-lhes um enxérgão duro e um travesseiro de palha para descansar: para vestido têm do panno mais grosso que se pode encontrar. 4.º Exijo trabalho duro, cavar, debulhar, sachar, lavar, serrar, e isto apesar do calor, vento, neve ou gelo. 5.º Em pagamento não lhes dou nada. Cada um deve vir á sua custa, e, se não quer continuar, á sua custa deve voltar. 6.º Nunca poderá qualquer delles conviver com mulheres. . . Assim vivi durante 11 annos na Turquia, transformando um deserto em jardim e num centro

da mais florescente agricultura, commercio e industria. . .

Estes meus companheiros serão uns pobres ignorantes? Não. São homens de todos estados. Entre nós encontramos officiaes, medicos, engenheiros, litteratos, barões, condes e até generaes, pessoas com vastissimos conhecimentos, pessoas que, antes, viviam nas mais bellas posições sociais, que voluntariamente largaram. . .

Sendo isto assim não deveis estranhar que todos os governos nos protejam.

Na Bosnia protegeram-nos os proprios turcos, e mais tarde as auctoridades austriacas. O governo italiano nos chamou para sanear e cultivar as insalubres campinas contiguas a Roma. O governo francez nos ajudou a transformar vastos sertões da Algeria em ricas plantações. O governo inglés nos animou e auxilia em todas as suas colonias, Cabo, Natal, Australia, etc.»

Z.

Theatro

O snr. P.º Roriz, desconcertado por havermos opposto embargos aos seus monstruosos erros moraes a respeito de theatros, desfecha-nos a seguinte passagem de *A Palavra*:

«Seria ridiculo reclamarmos a abolição do theatro e do romance, como de tantos outros habitos da vida social moderna, sob pretexto de que esses habitos são, muitas vezes, um objecto de abuso.»

E commenta victorioso:

«A cartilha por onde lê o nosso collega «A Restauração» é outra, mais antiga, mais harmonica com os textos.»

Este snr. P.º Roriz é um grande desafortunado na argumentação: quando cuida dizer uma coisa contra o adversário, diz um cento contra si. Quanto ao cabimento, por exemplo, daquela citação e respectivo commentário, podemos notar-lhe que: 1.º A insinuação de que tenhamos pedido a abolição do theatro é absolutamente calumniosa e, portanto, indigna dum escriptor sério.

2.º Se alguém disse alguma coisa donde se pudesse colher, não a necessidade da abolição do theatro, mas a das pessoas honestas delle se afastarem e procurarem afastar os outros enquanto elle se não purificar, foi o snr. P.º Roriz, quando affirmou que «a nossa litteratura dramatica apresenta um quadro verdadeiramente doloroso»; que se não representam «coisas dignas de artistas conscienciosos e de um publico honesto»; que se offerece aos espectadores o «espírito apimentado que colloca a *obscenidade* no throno da Arte», etc.

3.º Nós, a este respeito, apenas estranhamos que o snr. P.º Roriz, fazendo tal conceito do theatro, se esmerasse tanto em chamar para lá os seus leitores, fazendo-se escandaloso campião da immoralidade; estranhamos que declarasse indignos de censura os artistas que apresentam «no palco as scenas mais proprias de bordel», dando como razão ser essa «a melhor maneira de conseguirem concorrencia» e portanto de «ganhar a sua vida»; estranhamos que chegasse até ao ponto de estimular o empresário de taes immoralidades a que não desanimasse «no seu esforço benemerito», pois o fazer o

snr. P.º Roriz aquelle conceito das peças não era motivo para «um vislumbre sequer de censura ou de desconsideração a quem merecesse» — diz o snr. P.º Roriz — os nossos applausos e os nossos louvores».

4.º A allusão ao theólogo moralista por nós citado revela: a) ou desconhecimento do estado da questão, ou intenção de confundir calumniando, ou tudo junto, porque a citação era «sobre a ida do padre ao theatro e bailes», e não a favor da abolição do theatro; b) que o snr. P.º Roriz considera antigo um moralista contemporâneo, o que não abona demais a auctoridade de quem se arvora apóstolo de tam nova moral.

5.º O snr. P.º Roriz prefere, na exposição da theologia moral, os artigos avulsos das gazetas aos theólogos especialistas do assumpto; tanto que o único argumento que oppõe ao moralista por nós citado é uma affirmação anónima (acertada sim, mas descabida, como fica notado) duma gazeta. Estará nisto a explicação de vermos pregada pelo snr. P.º Roriz uma moral tam contrária à ensinada por todos os auctores approvados pela Igreja? Não nos importa sabê-lo: o nosso fim agora era mostrar o real valor do supposto argumento que o snr. P.º Roriz apresentou contra a nossa crítica.

Passou-se

Sob esta epigraphe publicou *O Regenerador* a novidade irónica de que o nosso collega *Noticias de Guimarães* se tinha convertido ao nacionalismo. O motivo em que *O Regenerador* baseia a sua affirmação é ter o *Noticias*, num rasgo de sinceridade e justiça que o honra, escripto o seguinte:

«Do discurso do snr. Dr. Pinheiro Torres pudemos apurar que existe ainda no nosso mundo politico um partido capaz de fazer entrar tudo isto nos eixos, o que deveras nos agradou e a todos os que tiveram o prazer de ouvir o intelligente conferente.»

Aos nossos revs. collegas de *O Regenerador* bole-lhes com os nervos que alguém faça justiça ao nacionalismo. Vimos hoje tranquillizá-los, mostrando-lhes que o seu raciocínio não é tam inquietador como o seu estado nervoso lho faz crer. E' que a lógica tem uns principios e regras incompreensíveis, quando applicada por certas pessoas, sobre tudo tratando-se de coisas relativas à politica. Vamos prová-lo com dois exemplos, cuja authenticidade os nossos revs. collegas, após um instante de conferência, ham de confirmar.

Conhecemos um sacerdote, escriptor muito distincto, que se encheu de mostrar a conveniência e necessidade do nacionalismo, quando as circunstâncias politicas do país demonstravam inadiavel a sua fundação. Nomiadamente a indifferença e inação do clero... *todo*, perante um emprehendimento tam urgente, mereceram ao zeloso escriptor instigações e reprehensões assás vivas. Ninguém formulou mais ardentes votos pela criação do nacionalismo, do que o illustrado escriptor, que chegou até a escrever: «essa é uma das idéas fundamentaes do nosso programma.» E, quando observava algum symptoma de que o germe do almejado *partido catholico* fermentava, não disfarçava a sua satisfação, comprazendo-se docemente na esperança de ver surgir o suspirado rebento.

Se a lógica dos costumes humanos fosse sempre a que consta dos tratados geraes — como suppõe aquelle raciocínio dos nossos revs. collegas — poderia haver homem que mais se alegrasse com o nascimento do nacionalismo? que mais se esmerasse em o amparar? que mais lidasse pela sua propagação? que mais se empenhasse em o defender?... Poderia alguém esperar que elle, qual dragão do Apocalypse, aguardasse o seu nascimento como para o devorar, recebendo-o na ponta da lança e vo-

tando-lhe uma má vontade que não perde ensejo de se manifestar?

Conhecemos outro cidadão, tambem escriptor e tambem sacerdote, que se não contentou com fazer qualquer passageiro elogio do nacionalismo, como o *Noticias de Guimarães*: filiou-se nelle, quis fazer parte da comissão fundadora dum centro concelhio, assistia às sessões da comissão... E uma vez, dois ou tres dias depois duma sessão em que se tratou dos trabalhos duma eleição, e onde elle se inteirou do plano eleitoral do partido nacionalista, teve ânimo de ir publicamente para junto da urna distribuir as listas do partido progressista, que era, naquella eleição, o adversário do nacionalismo!... Depois dum procedimento tam opposto à lógica dos bons costumes, não seria lógico esperar, tratando-se dum caracter bem formado, que o claro de verdade que produzira tam estranha conversão gerasse uma convicção permanente? Decerto: mas mais uma vez se enganava quem se ativesse a previsões racionais. O dito sacerdote dentro em pouco fazia-se regenerador, com a mesma facilidade com que já antes deixara de o ser, e com que ha de completar ainda muitas vezes o giro de todos os partidos, visto percorrer caminhos cada vez mais repetidamente trilhados.

Se nuns casos assim, em que a fé nacionalista parecia tam provada, as previsões racionais saíam tam erradas, que os ditos sacerdotes podem afirmar e repetir — com aturdimento dos que ainda vivem apegados à velha lógica dos caracteres — que *estam onde sempre estiveram*; se isto assim é — dizemos —, tranquillizem-se os nossos revs. collegas de *O Regenerador*: não sejam tam pontuaes em applicar a lógica às palavras alheias — com damno do sossêgo próprio — em matérias que tanta vez, como acabam de ver, andam fora de toda a lógica e razão.

Note-se que com isto não pretendemos sequer insinuar que da parte do *Noticias de Guimarães* não haja mais sinceridade e constância de convicções: queremos apenas, como adversários generosos, mostrar aos revs. redactores de *O Regenerador* que não devem inquietar-se demasiadamente com raciocínios. Parecemos que podemos consolar uns, sem julgar mal dos outros.

Curioso incidente parlamentar

Na primeira sessão da câmara dos deputados, realizada terça-feira, procedia-se à eleição do presidente e vice-presidente. Alguns deputados da opposição fiscalizavam o acto. A certa altura, o snr. Archer da Silva, que era um delles, julgando haver irregularidade, começou a barafustar, muito indignado, que a eleição precisava de se repetir; que nunca na câmara se praticara um escândalo assim; que o regimento era expresso... Mas, perguntando-lhe um collega em que artigo do regimento se encontrava tal determinação, o snr. Archer da Silva fez-se muito vermelho e ficou mudo... depois de tanto barafustar.

Que triste figura fazem os homens sem convicções, quando se mettem a sentenciar, movidos só pelo interesse ou pela paixão, sem saberem o que dizem!

Questão liquidada

Sob esta epigraphe, publica o snr. P.º Roriz, a respeito da questão dos theatros, uma das mais indecorosas habilidades de que se pode suppor capaz um escriptor.

Accusamo-lo de aconselhar os escriptores a irem ao theatro. O snr. P.º Roriz pediu que lhe dissessemos em que numero de *O Regenerador* tinhamos lido as *palavras* que lhe attribuíamos. Dissemos-lhe claramente que lhe não attribuíamos as *palavras* citadas por elle; mas demonstramos-lhe que naquellas *nossas*

palavras estava o *sentido* das do sr. P.º Roriz.

Pois o snr. P.º Roriz, sem tocar nos nossos argumentos, insiste na calúmia que nos assacava de o citarmos falsamente, e diz aos seus leitores que a nossa resposta foi o reconhecimento e confissão do delicto que nos attribuíra, e portanto a negação de quanto contra elle escreveramos sobre o assumpto!

Em nome da seriedade que deve distinguir todo o homem de bem; em nome do amor da verdade que se deve encontrar em todo o escriptor que não professa o infame preceito de Voltaire; em nome do bom exemplo com que o sacerdote deve honrar o seu caracter, intimamos o snr. P.º Roriz a dizer claramente aos seus leitores:

1.º Se nós o citamos falsamente;
2.º Se lhe não demonstramos ser verdadeira a interpretação que demos às suas palavras.

Anecdota

O snr. P.º Roriz, de cuja penna não sai uma só coisa séria, pretende abafar os reparos, que os mais fazem aos seus monstruosos erros, com graçolas sem graça. Quem ainda puder e quizer salvar a sua dignidade, não o pode seguir em tal caminho.

Mas ha coisas que se podem dizer sem offensa da própria dignidade, sobre tudo quando aquelle contra quem ellas se dizem é o que pede que ellas se digam. Está neste caso a resposta que podíamos dar à «Anecdota» relativa a professores. Sobre ignorâncias e suas consequências reaes, bem sabe o snr. P.º Roriz que podíamos contar aos leitores uma anecdota curiosa.

Anecdota histórica

CXLV

A existência de Deus. — O famoso astrónomo Kircher, querendo convencer da existência de Deus um de seus amigos que della duvidava, serviu-se do seguinte engenhoso meio. Pôs em cima da mesa um magnifico globo terrestre. Mal o visitante havia transposto o limiar da sala, deu com a vista no globo, e perguntou a Kircher se elle lhe pertencia. O astrónomo respondeu que elle não era seu e que até não tinha possuidor. «Veiu para aqui por acaso. — Estais a gracejar» replicou o visitante. Mas o astrónomo continuou a sustentar seriamente a sua asserção. Quando afinal deu fé que o visitante começava a dar signaes de desgosto, aproveitou a occasião para lhe dirigir estas palavras: «Não quereis crer e achais que seria insensato admitir que este pequeno globo exista por si mesmo e deva unicamente ao acaso achar-se no logar onde o vedes? Mas como podeis então crer que o ceu, com seus planetas e seus milhões de estrellas, seja resultado dum puro capricho do destino?» O visitante calou-se: nada achava que responder a um argumento tam decisivo.

CXLVI

O typo do atheu. — Um moço atheu foi ter um dia com o Padre Oudin. «Meu Padre,» disse elle ao entrar «eu desejava travar comvosco uma disputa acerca da religião. — Muito me custa dizervos-lo:» respondeu o sábio Jesuíta «mas eu não gosto de disputar com ninguém a respeito das nossas santas verdades. Consenti pois que não fallemos disso. — Pelo menos» replicou o guapo moço, bambaleando-se num pé «estimarei muito que saibais que sou atheu.» A estas palavras, o Padre Oudin pegou numa luneta, assestou-a contra o seu insolente interlocutor, e começou a examiná-lo attentamente e com um sorriso cheio de finura e malícia. «Que vedes vós em mim de tam curioso, para me estardes a examinar com tanta attenção?» per-

guntou o moço voltéreo. — Oh! é que eu nunca tinha visto a estranha personagem que se chama atheu, e tenho muito gosto de aproveitar o ensejo para ver como elle é feito.» Desconcertado por esta scena, o moço atheu escapuliu-se.

L. F.

Litteratura

Confôrto

(em um exemplar da *Imitação de Christo*)

Tua linda voz
chega a meus ouvidos
num delirio atroz
de ais tam doloridos...

E ha nos teus olhares
a triste expressão
dos grandes pesares
do teu coração.

Pois somos eguaes,
casta flôr de liz;
mas quem soffre mais
é que é mais feliz.

O pêso da cruz
mais se ha de sentir
se quem a conduz
lhe quizer fugir.

Nestas folhas fora
tu has de encontrar
canticos de aurora,
brilhos de luar.

Este livro traz
à alma um prazer
de amor de paz,
quanto mais se ler.

Vás por onde fôres,
prende-te a cadeia
de maguas e dores
de que a vida é cheia.

Mas leva contigo
este livro raro:
— o melhor amigo
para teu amparo.

Por escuros trivios
onde has de passar
celestes allivios
te virám guardar.

Pela tua estrada
não terás espinhos.
Na tua morada
choverám carinhos...

— Mas o que é preciso
para taes venturas?
— Amar, num sorriso,
cruéis amarguras.

P.º Silva Gonçalves.

Para variar...

XVI

O preço do chapéu

Um pobre approxima-se dum homem de dinheiro e pede-lhe um vintenzinho para ajuda de comprar um chapéu.

— Mas então quanto custa o chapéu?

— Olhe, meu senhor: se eu deixasse de beber vinho um mês inteiro, podia comprar o chapéu, e ainda me ficavam 18 vintens; se gastasse em vinho metade do que costume, no fim do mês podia comprar o chapéu, e ainda me ficavam tres vintens. E ha já 22 dias...

— Mas então quanto lhe falta para comprar o chapéu?

— Não o sei dizer: mas sei que, se aos vintens que me faltam se ajuntasse mais um vintem, se obtinha a sexta parte do preço do chapéu; se a esta somma se ajuntasse mais outro vintem, tínhamos a quarta parte daquelle preço; se a esta somma se ajuntasse ainda outro vintem, tínhamos a terça parte do

Curiosidades

Terremotos. — Todos os nossos leitores conhecem já, pelas descrições feitas pelos periodicos, os horrores dos terremotos calabro-sicilianos que se deram nos ultimos dias do anno passado e nos primeiros do corrente. Sam phenomenos que sempre commovem pelos estragos e desgraças que occasionam. Todavia terremotos tem-nos havido em todos os tempos e em todas as partes do mundo com mais ou menos violencia; não sam regularmente periodicos em determinadas regiões, mas não ha anno em que se não assignale algum aqui ou ali. As costas do Mediterraneo sam aquellas em que parece esses accidentes se têm dado com mais frequencia. Para não fallar naquelles que já neste hebdomadario foram mencionados em um dos numeros passados, não vem fóra de proposito mencionar tambem o que se deu em 396, no fim do segundo anno do reinado de Arcadio, em Constantinopola, que durou muitos dias, acompanhado de phenomenos estranhos, como foi uma especie de nuvem de fogo com um forte cheiro de enxofre e que cobriu toda a cidade. No anno seguinte os tremores de terra destruíram Cyrene e um grande numero de outras cidades da Cyrenaica. Estas agitações do sólo terminaram no anno de 398 por um tremor de terra terrivel, cuja narração nos foi deixada por Claudiano e por S. João Chrysostomo. Após um mugido formidavel, entreabriu-se a terra em muitos logares vomitando chammias; o Bosphoro sublevoou-se inundando ao mesmo tempo Constantinopola e a margem asiatica, emquanto as casas por todas as partes ardiam no meio das aguas.

Bellezas republicanas. — Uma das grandes pragas dos Estados modernos é a multiplicação constante dos empregados publicos, pois que esses empregados, sobre complicarem os serviços para terem trabalho ou uma apparencia de justificação, ham de ser pagos á custa dos contribuintes. Pois as republicas que nos buzinam serem o regime mais perfeito, não escapam a essa praga. A França, por exemplo, que os nossos republicanos tomam por modelo, em 1906 o numero de empregados do Estado, departamentos e communas, era de 703 506; em 1907 chegou esse numero a 870 589 e em 1908 já estava em 913 192. Assim em dois annos, de 1906 a 1908, o numero de funcionarios augmentou em 209 686, quasi um quarto. Por aqui se vê que as republicas caem nos mesmos vicios que as monarchias.

Progresso. — Já havia a machina de escrever, a machina de calcular, a caixa registradora, a machina de collar e sellar fechos de cartas, etc. Agora apparece um engenheiro sueco que imaginou um apparelho de contar dinheiro sonante e de o pôr em rolos. Esta machina separa as moedas segundo o seu valor e todas as moedas do mesmo valor sam enviadas automaticamente a uns tubos, donde saem em rolos de 10, 20, 50 ou 100, á vontade do operador. E isso faz-se com uma tal rapidez que a machina pode separar, contar e pôr em rolos 72 000 moedas numa hora. Uma só destas machinas, manobrada por um só operador, pode fazer num dia o mesmo trabalho de 50 habeis caixeiros.

Noticiario

Sessão solenne.—No ultimo domingo realizou-se, no salão do Circulo Catholico, a sessão solenne das Conferencias de S. Vicente de Paulo.

Presidiu o sr. Conego Dr. Moreira, digno arcepreste deste districto ecclesiastico. Serviram de secretarios o sr. Conde de Margaride e o sr. Juiz de Direito.

Ao abrir a sessão, o illustrado presidente fez, em breve discurso, uma calorosa e eloquente apologia da admiravel instituição a cuja festa estava presidindo. Coroado de applausos, que já por vezes o haviam interrompido, fez a apresentação do sr. Dr. Francisco Pinheiro Torres, que vinha fazer uma conferencia sobre a grande obra de S. Vicente de Paulo.

O zelo, o conhecimento, a eloquencia pratica e persuasiva, com que o distincto orador tratou do seu assumpto, bem mostraram que as Conferencias de S. Vicente de Paulo têm no seu coração um lugar de escolha: estava-se a ver ali, carinhosamente conservada, a herança de seu illustre pae.

No salão viam-se as melhores familias de Guimarães.

Um dos atractivos da festa foi prestado pelo grupo musical «Araujo Motta».

Deus queira que a brilhante sessão abra uma era de mais prosperidade para a bella obra de caridade.

Sociedade Martins Sarmiento.

— Esta benemerita Sociedade realisa, na proxima terça-feira, 9 do corrente, a sua festa annual de distribuição de premios aos alumnos mais distinctos das escolas da cidade e do concelho, e de homenagem a memoria do seu primeiro socio honorario, e grande benemerito vimaranense, dr. Martins Sarmiento.

Neste anno serão inaugurados os retratos dos srs. Conde de Paço Vieira e dr. Avelino Germano da Costa Freitas seu socio fundador.

A digna direcção resolveu conferir, além dos premios do costume, mais um ao alumno mais pobre da escola de Urgez, intitulado—*premio Santos Guimarães*— homenagem prestada ao seu benemerito socio honorario que ha pouco retirou para o Rio de Janeiro.

Abrihantará esta sessão o grupo musical «Araujo Motta».

Liga Naval.

— Sob a presidencia do sr. dr. Pedro Guimarães, reuniu no penultimo sabbado, numa das dependencias da Sociedade Martins Sarmiento, a junta local da Liga Naval, a que assistiram o thesoureiro, sr. Jeronymo Sampaio, o secretario, sr. padre Gaspar Roriz, e os vogaes srs. dr. Alberto Rodrigues de Faria, Domingos Martins (Aldão) e Domingos Freiria.

O vice-presidente, sr. capitão Antonio Infante, communicou que não comparecia por falta de saude.

Pelo secretario foi apresentada uma carta do grande entusiasta pela obra da Liga Naval, e seu secretario em Vianna do Castello, sr. Manuel Candido Loureiro, em que insistia perante a junta local de Guimarães pela organização definitiva das commissões de defêsa de pescaria nas freguesias ribeirinhas deste concelho.

Organizou-se a relação dessas freguesias que são — 11 no rio Selho, 6 no rio Vizella, 11 no Ave e 3 para dois riachos afluentes do Ave e do Vizella.

As commissões ficaram já organizadas na sua quasi totalidade faltando apenas alguns nomes para se completar o numero das commissões precisas.

Brevemente será sollemnemente installada a junta local em Guimarães.

Associação Commercial.

— Reuniu no ultimo domingo, como noticiamos, a assembleia geral desta prestante collectividade vimaranense para, em conformidade com os estatutos, ser discutido e votado o parecer da commissão de contas relativas ao anno findo e eleger a nova direcção e seus supplentes.

Presidiu o sr. José de Freitas Costa Soares, secretario da direcção transacta, secretariado pelos srs. Camillo Laranjeiro dos Reis e João Pereira Mendes.

Aberta a sessão procedeu-se á leitura da acta da sessão anterior, que foi approvada, sendo em seguida apresentada uma proposta nominando socios honorarios os srs. Abel Cardoso e José Luis de Pina, a qual foi approvada por unanimidade.

Pelo sr. João Pereira Mendes foi apresentada a seguinte moção, que tambem foi approvada por unanimidade:

SENHORES:

Julgo desnecessario adduzir á minha moção uma especie de prefacio ou exordio, como, em casos taes, é mais ou menos de praxe justificar a sua razão de ser.

Todos conhecem de perto o muito digno e illustrado presidente desta Associação, e, portanto, avaliam bem das suas lidimas qualidades de character, da sua lealdade e dos seus muitos actos de civismo que, em beneficio desta terra, elle já tem dado sobejas provas.

E porque assim é, superfluo seria traçar mais desenvolvidamente o seu perfil biographico, quer no nosso meio colectivo e social, como no desenvolvimento da sua importante casa commercial, o que mais poderia ser tomado á conta de benevolencia ou amizade, que muito préso, do que ao dever que se me impõe, de prestar um acto de reconhecida justiça.

Resumindo, pois, as minhas considerações, apresento á apreciação da assembleia a seguinte

Moção

Attendendo a que o presidente desta collectividade o Ex.^{mo} Sr. João Rodrigues Loureiro, no desempenho do seu espinhoso cargo, sempre manifestou inequivocas provas da sua dedicação a esta Associação;

Attendendo a forma correcta, activa e intelligente como procurou não só o bom credito desta aggremação, como tambem pugnano sollicitamente pelos interesses geraes do commercio e muito accentuadamente, pelo engrandecimento desta terra;

Attendendo mais ainda a maneira entusiastica, patriótica e desinteressada como durante o tempo da sua gerencia, e já mesmo antes, se esforçou, com successo, por todos os meios, em manter o brilhantismo das festas gualterianas, cujo inicio, de ha tres annos, sam um titulo de gloria para esta Associação, em resultado das vantagens bem patentes que dellas derivam para o progresso e desenvolvimento desta cidade;

Attendendo, finalmente, aos mais predicados que muito caracterizam a sua pessoa, impondo-a á nossa admiração, proponho:

Que na acta seja exarado um voto de louvor e reconhecimento pelos relevantes serviços prestados.

Guimarães, sala das sessões da Associação Commercial, 28 de fevereiro de 1909.

(a) João Pereira Mendes.

Procedendo-se seguidamente á eleição da nova direcção que ha de servir em 1909-1910, deu o seguinte resultado:

Presidente, João Rodrigues Loureiro; 1.^o secretario, José de Freitas Costa Soares; 2.^o secretario, Aureliano Leão da Cruz Fernandes; thesoureiro, Camillo Laranjeiro dos Reis.

Directores: Domingos Martins Fernandes, Augusto Pinto Areias e Antonio de Araujo Salgado.

Directores substitutos: Antonio Lopes de Carvalho e Augusto Mendes da Cunha e Castro.

Os nossos pobres.

— Recommendamos á caridade dos nossos presados leitores os infelizes abaixo mencionados que, a braços com terriveis enfermidades e consequentemente com a miseria, soffrem os horrores da fome se as almas bem formadas se não lembrarem de os soccorrer.

Sam elles: José de Castro Martins, que se acha paralytico. Mora na Travessa da Quintã.

Maria de Oliveira, entrevada, mora na rua de Villa Flor n.^o 37.

Josefa Maria, viuva, sem meios para a sua subsistencia e impossibilitada de os auferir. Mora na rua de Santo Antonio, 182.

Francisco Mendes, de 25 annos, paralytico, do logar do Canto, freguesia da Oliveira.

Anna da Silva, que vive miseravelmente, sem recursos de especie alguma, na rua das Lameiras, á Cruz de Pedra. E' caseira do Lavrador.

Maria José Pinto, solteira, tuberculosa, e impossibilitada de trabalhar. Mora na rua de Santa Luzia 149.

A viuva de Francisco Almeida, (O Pe-neireiro), que ficou com dois filhos de tenra idade e sem meios de subsistencia. Mora em Caneiros.

Nesta redacção recebe-se qualquer esmola que seja destinada aos pobres que recommendamos.

Annuncios

EL-REI D. MANUEL II

Nitido e grande retrato, proprio para encaixilhar.

Recebe-o quem mandar CEM REIS, em estampilhas, á RUA DA PADARIA, 48, 1.^o, LISBOA.

PADRE MANUEL BERNARDES

Da Congregação do Oratorio de Lisboa

Nova Floresta

Ou Sylva de varios apophthegmas, e ditos sentenciosos, espirituaes e moraes; com reflexões, em que o util da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim Divina, como humana.

5.^a edição, autorizada pelo Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

Condições de assignatura: A Nova Floresta consta de 5 volumes, de approximadamente 500 paginas cada um, e será distribuida aos fasciculos semanaes de 16 paginas, ou aos tomos mensaes de 80 paginas.

Cada fasciculo custará apenas 20 reis e cada tomo 100 reis, que serão pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia receberám os tomos pelo correio sem augmento de preço e pagarám adeantado de cinco em cinco tomos.

Assigna-se em todas as livrarias e na casa editora de Aloysio Gomes da Silva, rua da Picaria, 41 —Porto.

Tambem se recebem assignaturas na Papelaria e Typographia Minerva Vimaranes, rua de Payo Galvão—Guimarães.

Aviso importantissimo: — Pedir em toda a parte a edição da Livraria Catholica Portuense, por ser a unica merecedora da confiança das pessoas religiosas.

Solicitador

José Candido Gomes, solicitador na comarca dos Arcos de Valdevez, acceta qualquer procução e trata de todos os negocios forenses com o maior zelo e honradez.

Rua da Ponte, 50 Arcos de Valdevez

VENDAS A DINHEIRO

LOJA DO BENJAMIM

Toural, 105—Guimarães

MALHAS e PERFUMARIAS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Esta casa recebe sempre novidades em todos os artigos para as duas estações, escolhidas nas principaes casas de Lisboa e Porto

Variado sortido em tecidos de lã e algodão, em côr e preto (e para luto) para vestidos de senhora e creança. Castorinas, baetas, flanelas, merinos, armures, crepes, pignés, escumilhas, setins, velludos, chitas, gorgorinas, zephyrs, tecidos brancos, cassas, setinetas, forros diversos, entretellas, pannos brancos finos sem preparo, pannos familias, pannos crus, ditos enfestados para lençoes, bretanhas, rendas finas e de linha, entremeios e bordados, guarnições, cobertores, camisolas de lã e algodão, toucas, echarpes de malha e de seda, guarda-soes de seda e setim, calçado para verão e agasalho, algodões, perfumarias, miudezas, etc., etc. Deposito de chales de seda e agasalho desde 500 a 10\$000 reis. Lençoes de seda, de lã e malha. Cortes de novidade para vestidos em preto e côr.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Benjamim de Mattos

TOURAL, 105

VENDAS A DINHEIRO

Aguas de Verin

ACIDULO-BICARBONATADO-SÓDICO-LÍTICAS

As mais ricas da Peninsula

MEDICINAES DE MESA

São as melhores e de seguro exito no tratamento dos incommodos do estomago, intestinos, rins e bexiga. Magnificas para o serviço de mesa. São leves, digestivas, puras, estomacaeas, limpidas e baratas.

MANANCIAL CABREIROÁ

Unico agente em Guimarães

Francisco Jacome

FAZENDAS DE Lã E PHANTASIAS

FAZENDAS BRANÇAS E MIUDEZAS

A Restauração

Pede-se a visita do publico ás nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: matiz, renda, abertos, mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina

Domestica Bobine Central

a mesma que serve para toda a classe de **Trabalhos domesticos**
Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Novos catalogos com grande redução de preços

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Peça-se o catalogo illustrado que se dá gratis

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOK & C.^a

SUCCURSAES

Braga—69, L. do Barão de S. Martinho, 71.

Guimarães—Avenida do Comercio.

GRANDE

Catecismo Catholico

Sua explicação clara e fundamental

COM EXEMPLOS ESCOLHIDOS E ADAPTADOS A CADA MATERIA

Obra muito util para os reverendos parochos, para o clero e seminaristas, assim como para os professores de instrucção primaria, directores de collegios, e em geral para todos os catholicos e familias christãs que desejam ter conhecimento claro das grandes verdades da Religiao

PELO

PADRE JOSÉ DEHARBE

DA COMPANHIA DE JESUS

TRADUZIDO EM VERNACULO

PELO PRESBYTERO

Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basílica do Loreto, com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Examinador Pro-synodal, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe «Pro Ecclesia et Pontifice» e redactor da «REVISTA CATHOLICA».

E' verdadeiramente monumental a obra que vamos reeditar — o famoso Catecismo do celebre e doutissimo Jesuita Alemão, o rev. Deharbe.

Esgotada a primeira edição, e continuando a receber frequentes e instantes pedidos tanto de Portugal como do Brazil e das Indias, e reconhecendo por outro lado os fructos incalculaveis que ham de resultar da divulgação desta obra que é um riquissimo thesouro de sciencia theologica popular ao alcance de todas as intelligencias, não hesitamos um momento em fazer uma nova edição que esperamos em Deus terá o mesmo exito da primeira, que dentro de pouco tempo se esgotou.

O Catecismo de Deharbe é, pelo seu methodo maravilhoso, pela clareza na exposição da sua doutrina, pela vastidão dos conhecimentos theologicos do seu auctor, uma obra indispensavel a todos os reverendos sacerdotes, parochos, pregadores, catechistas, aos directores e directoras de collegios, e aos chefes de familia, para lhes servir de guia na explicação da doutrina catholica, quer no ensino da catechese tanto dos pequenos, como especialmente de adultos, quer para as homilias ao povo, para sermões e conferencias.

Crêmos que neste genero não ha obra mais completa e mais bem acabada.

A' explicação desenvolvimentissima de todas as verdades christãs e genuinamente catholicas, accrescentada exemplos numerosos que compendiam e tornam claras e palpaveis as verdades mais augustas e sublimes da religião, sendo alem disso aquelles exemplos um estimulo, para a pratica de todas as virtudes que enaltecem e santificam o christão.

E' tal o merecimento desta obra monumental que tem sido vertida para as principaes linguas da Europa.

Consta de quatro grossos volumes, impressão nitida e em magnifico papel, e a sua distribuição será feita aos fasciculos de 80 paginas pelo preço de **160 reis**.

A primeira caderneta vai ser brevemente distribuida aos numerosos assignantes, continuando aberta a assignatura ás cadernetas e aos volumes. Todos os pedidos devem ser diridos á

Empresa da Revista Catholica (Vizeu).

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administracção do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 paginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

Pauvert

O Valle das Lagrimas

Necessidades, fontes e fructos da tristeza sobrenatural

VERSÃO DE

Antonio Figueirinhas

Obra approvada pelo Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preço, franco de porte, em brochura — 200 reis. Encadernação de luxo — 300 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

P. G. Bouffler

DA COMPANHIA DE JESUS

Amor e Reparação

A primeira sexta-feira do mês

EXERCICIOS EM HONRA DO S. C. DE JESUS

Versão do francês pelo Padre Anselmo Gonsalves.

Um elegante volume, em 8.^o inglês, de X—520 paginas, optima impressão e bom papel

Preço 500 reis
Pelo correio..... 530 »

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos ao traductor e editor, *Padre Anselmo Gonsalves* — Arcos de Valdevez.

Obras primas de litteratura portugüesa

Nova edição completa dos

Sermões

DO

Padre Antonio Vieira

Edição popular, em 15 volumes, cuidadosamente revista, compreendendo toda a obra oratoria do genial pregador.

Publicação por assignatura a volumes—Edição impressa nitidamente e em bom papel.

Por assignatura, a 500 réis cada volume brochado e 700 réis encadernado.

Depois de completa será augmentado o preço da obra, não se vendendo volumes avulsos.

Publica-se um volume mensalmente.

Recebem-se assignaturas em casa dos editores.

Livraria Chardron, de Lello & Irmão

Rua das Carmelitas, 144

PORTO

A SAUDE

Revista mensal dirigida pelo habil clinico Dr. Bentes Castel-Branco

Pelo modo pratico como ensina a conservar e robustecer as forças physicas torna-se de grande utilidade em todas as familias.

Para tomar assignatura por um anno basta enviar 750 reis á sua administração

Rua da Padaria, 48, 1.^o

LISBOA

Catecismo para os Parochos

Segundo o decreto do Concilio de Trento

Publicado primeiramente pelo PAPA PIO V e depois por CLEMENTE XIII e, traduzido agora em portugües por

Monsenhor MANUEL MARINHO

Por ordem do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. António, Bispo do Porto

DOIS VOLUMES.

Preço 1\$200 reis.

Pedidos aos editores José Fructuoso da Fonseca & Filho, Rua da Picaria, 74—PORTO.

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesense—Rua de Payo Galvão—Guimarães

Recordação de meus estudos, pelo auctor do *Methodo para formar a infancia na piedade*. Accommodação portugüesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 paginas em 4.^o:

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

2.^a série—Um vol. de 50 paginas em 4.^o:

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

Os beneficios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugüesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 paginas, em 8.^o:

Em brochura 50 reis

Cartonado 100 »

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga, modelo e protector da mocidade catholica.

Um vol. de 50 pag., com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:

Preço 30 reis

Pelo correio 35 »

A Biblia—Questão Vital, pelo Padre Bento José Rodrigues, com approvação da auctoridade ecclesiastica.

Um vol. de 48 paginas, em 8.^o:

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

Officio da Immaculada Conceição, texto portugües, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 paginas, em bom papel:

Preço 20 reis

Pelo correio, por cada 5 exemplares... 10 »

Burgueses e Operarios, dialogo entre um socialista e um homem de bem. (Versão do francês).

Um volume de 118 paginas em formato elegante:

Preço 80 reis

Pelo correio 90 »

Educação—Compendio de civilidade para meninas, coordenado pelo Rev. Padre A. de Menezes, contendo o seguinte

SUMARIO: I—O que é educação. II—O que exige a educação. III—Formação intellectual. IV—Formação do coração. V—Formação da consciencia. VI—Formação do caracter. VII—Deveres para com Deus. VIII—Deveres para com o proximo. IX—Civildade: Tratamentos.—Cartas.—Conversação.—Visitas.—Baptizados.—Jantares.—Honras funebres.—Reuniões.—Recreações.—Encontros.

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 paginas, em 8.^o:

Em brochura 50 reis

Cartonado 100 »

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugüesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um volume de 112 paginas, em 8.^o:

Em brochura 100 reis

Cartonado 160 »

Os beneficios da confissão, As Bem-aventuranças evangelicas e os Conselhos sobre a educação remetem-se pelo correio franco de porte.

Um volume de 80 pag. elegantemente cartonado, titulos dourados, folhas vermelhas.

Preço 100 reis

Pelo correio 110 »

Nem de mais nem de menos, romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 paginas, em 8.^o:

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

Vida breve e popular de D. João Bosco, por P. J. B. Francesia.

Um volume de 412 paginas, em bom papel e nitida impressão:

Preço 400 reis

Pelo correio 450 »

Izabel, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 paginas, em 16.^o:

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

A Dietadura, por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 paginas, formato elegante:

Preço 250 reis

Pelo correio 270 »

O almocreve das petas, por Spiritus Asper.

1.^o volume, com 128 paginas, em 8.^o:

Preço 80 reis

Pelo correio 90 »

Todas as requisições devem ser acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados.—Coloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa, com diversas imagens. Preço de cada um, 5 reis. Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

Sellos para collecções.—Nacionaes e estrangeiros, em pacotes com 25 sellos, desde 30 reis, e em pastas, avulso, de diversos preços, a começar em 5 reis cada um. Ha grande variedade.